

MONTECATINI

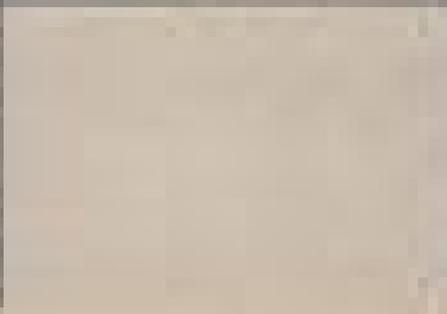
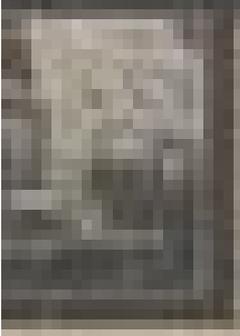
COMPTON

FAO

ALFA ROMEO



ALFA



## MOVIMENTO

Um jornal que representa as aspirações democráticas do povo brasileiro

### CONSELHO EDITORIAL



Alencar Furtado



André Forster



Audílio Dantas



Edgar da Mata-Machado



Orlando Villas-Boas



Hermilo Borba Filho



Fernando Henrique Cardoso



Chico Barque de Holanda

### CONSELHO DE REDAÇÃO

Aginaldo Silva  
A.C. Ferreira  
Bernardo Kucinski  
Elifas Andreato  
Fernando Peixoto  
Flávio Aguiar  
Flávio de Carvalho  
Francisco de Oliveira  
Francisco Pinto  
J.C. Bernardet  
Juca Martins  
Marcos Gomes  
Maurício Azedo  
R.R. Pereira  
Sérgio Barque  
Teodomiro Braga

Se você se interessa por Movimento e quer participar de sua campanha de promoção e assinatura, procure-nos nos seguintes endereços: São Paulo: Rua Virgílio de Carvalho Pinto, 625, Pinheiros. Telefones: 210.6622 e 210.6744. Rio de Janeiro: Rua da Lapa 180, sala 606. Telefones: 222.6493. Brasília: Edifício Márcia, sala 1.007. Telefones: 24.1627. Belo Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 300, sala 407. Telefone: 226.9612. Salvador: Avenida 7, nº 35. Edifício Adolfo Basbaum, sala 501. Composto e impresso nas oficinas da PAT-Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412 — Pinheiros. São Paulo. Telefone: 282.2523.

# IDEIAS

as idéias que estão no centro dos grandes debates. Trechos da nossa seção "Ensaio Populares":

Quem lê mais é quem sabe mais?

Deve o MDB ficar quieto a cada crise que ocorre? Ao lado da cobertura normal dos acontecimentos políticos e econômicos da semana, Movimento procura ajudar a responder essas perguntas e a compreender

## O debate institucional

Escavado em suas raízes, o problema institucional se apresenta, não como simples contradição formal entre a "Ordem da Constituição" e a "Ordem dos Atores", mas como uma contradição real, que gerou a anterior entre a ascensão política e econômica dos trabalhadores da cidade e do campo, das camadas médias urbanas, e a ordem política, econômica e social traçada na Constituição de 1946. Desde a década de 20, expandem-se no país forças sociais e correntes políticas novas, alimentadas pelo próprio desenvolvimento econômico e político interno e também pelas profundas mudanças que vêm transfigurando o mundo no século XX.

Essas forças reclamam um desenvolvimento baseado, não nas exportações e no capital estrangeiro, mas no mercado interno e em nossos próprios recursos. Um desenvolvimento voltado, não para o consumismo de elites restritas, mas para a elevação de vida material e cultural das grandes multidões de trabalhadores. Para abrir caminho a esse desenvolvimento, pleiteiam uma indispensável reforma agrária que liberte os camponeses do latifúndio e do minifúndio. Querem também uma política externa independente, solidária com os povos e países subdesenvolvidos, livre da tutela norte-americana e contrária a qualquer hegemonia. É para realizar esses anseios que lutam por uma maior participação política. O regime constitucional de 46 ruíu porque suas paredes eram estreitas demais para permitir a realização desses anseios e, por outro lado, não eram suficientemente fortes para contê-los. A origem das dificuldades para a institucionalização do regime atual parece estar no fato de que, por um lado, o poder de controle do governo e das Forças Armadas foi ampliado, mas, por outro, o próprio desenvolvimento econômico dos últimos anos e a evolução da situação nacional e internacional continuaram fortalecendo as camadas sociais e as correntes políticas que reivindicam, não apenas reajustes fácticos na estratégia que vem sendo seguida, mas o direito de fazer novas opções estratégicas em política econômica, em política social e em política externa. É o significado das eleições plebiscitárias de novembro de 1974. O fundo do problema estaria, portanto, em que a cena política brasileira parece ter sido invadida definitivamente por novos protagonistas que nenhum projeto de institucionalização duradoura pode mais esquecer: os trabalhadores das capitais e do interior, os estudantes combativos, os intelectuais críticos, os religiosos engajados. ("O Debate Institucional", Movimento nº 24)

## Política e matemática

Portanto, se toda decisão política, para ser levada à prática, precisa ser detalhada tecnicamente, toda solução técnica, por sua vez, pressupõe uma decisão política, expressa ou implícita; as soluções técnicas aparentemente neutras não passam de opções políticas e ideológicas habilmente encamadas. Ora, para obter decisões políticas acertadas, não existe atalho tecnocrático; por mais laborioso que seja, é preciso recorrer ao método político do confronto de opiniões e de luta entre as forças sociais e suas representações partidárias. Se os problemas sociais pudessem ser resolvidos por simples cálculos matemáticos, o melhor ministério seria uma boa equipe de computadores eletrônicos. ("Política e Matemática", Movimento nº 13)

## A teoria e a prática

Querem desenvolver uma teoria sem experiências práticas é tão insensato como pretender levantar-se do chão puxando os próprios cabelos. Cortada da prática, a teoria murcha, apodrece; se ainda cresce, será uma inchadura doentia e desregulada, de textos que giram em torno de si mesmos, que se extraviam nos detalhes e nos problemas falsos, que complicam a linguagem sem trazer nenhum conhecimento novo, nem muito menos introduzir qualquer progresso na realidade objetiva. Manter o divórcio entre o movimento prático e o movimento teórico de nossa sociedade é, portanto, duplamente prejudicial: condena os trabalhadores manuais a um ativismo ineficaz e os intelectuais a um teorismo estéril. Para que o divórcio tenha fim e a teoria e a prática se fecundem e se corrijam mutuamente, é preciso levar a ciência aos trabalhadores manuais e os cientistas ao trabalho. ("O culto ao último livro — Ler mais é saber mais?", Movimento nº 35)

## O MDB e as crises

O MDB não é propriamente um partido, mas um movimento amplo que interpreta, até certo ponto, os anseios comuns dos setores sociais e das correntes poli-

ticas opositoras, particularmente sua exigência de revogação da legislação excepcional e de reconstrução institucional democrática do país. Possui, portanto, um programa e deve brigar pela sua concretização; não pode esperar que a Arena vá realizar o programa do MDB. Sendo assim, como entender que a direção do MDB, em sua maioria, prefira recolher-se sempre que vislumbra o risco de um confronto e não aproveite episódios decisivos, como as recentes cassações de parlamentares e o andamento dos contratos de risco para exploração de petróleo ou a viagem de Kissinger a América Latina, a fim de esclarecer suas opiniões, compará-las com as do governo ou da Arena, reforçar seu prestígio e incentivar a organização de suas bases? ("O MDB não quer jogar?", Movimento nº 35)

## O papel dos sindicatos

Por que, então, não devolver a assistência médica ao INPS e os serviços recreativos aos clubes e centros de esporte, reabilitando os sindicatos de trabalhadores na função que lhes é própria, em qualquer regime democrático, de proteger e representar os interesses de seus associados? ("Sindicatos assistencialistas ou sindicatos reivindicatórios?", Movimento nº 38)

## O Brasil é socialista?

Em vários países subdesenvolvidos, a tentativa de desenvolvimento capitalista autônomo foi substituída por uma política de desenvolvimento associado, selando-se uma "tríplice aliança" entre as empresas estrangeiras, as empresas estatais e as grandes empresas privadas nacionais, e passando-se de uma "estatização de oposição" aos capitais estrangeiros a uma "estatização de associação". Na partilha das responsabilidades e dos benefícios desse "modelo triangular", não está excluída a possibilidade de atritos entre os empresários estrangeiros, o setor burocrático e o setor privado dos empresários nacionais. Mas, essa é uma outra história e não autoriza acusar a "estatização" ocorrida nesse contexto de ter um caráter nacionalista, nem muito menos socialista. Mais uma vez, tudo depende do caráter do Estado e do sentido geral de sua intervenção. ("O Brasil é um país socialista?", Movimento nº 22)

## CHICO PINTO



Chico Pinto, ex-deputado federal e ex-prefeito de Feira de Santana, Bahia, foi afastado do parlamento em 1973. Pertence ao Diretório Nacional do MDB. Chefia a sucursal de Brasília de Movimento e é membro de nosso Conselho de Redação. O seguinte comentário, "O que se pode dizer da ESG", foi publicado em Movimento nº 34, e é parte de sua coluna semanal "A semana em Brasília".

## O que se pode dizer da ESG

É reduzido o número de centros de estudos encarregados de discutir, em todos os níveis, a realidade brasileira. Argui-se razões evidenciadoras dessas deficiências. Inexistência de recursos, de um lado, e dificuldades compreensivelmente desestimuladoras, do outro. Sem negar nada disso, as razões não são suficientes para justificar as omissões. A Escola Superior de Guerra — ESG — é uma das poucas exceções. Constitui-se mesmo em importante núcleo de pensamento ou laboratório de idéias. Infelizmente, seus estudos e suas análises da realidade brasileira não obedecem a uma divulgação sistematizada, o que impede uma discussão mais ampla dos trabalhos ali elaborados. Toda sua ordenação teórica e doutrinária transita em círculo bastante estreito. Num país carente de cientistas políticos e sociais, não se compreende como a Biblioteca do Exército, que tem editado vários livros, alguns bons e outros, até de autores estrangeiros, de péssima qualidade, não aproveita esse manancial disponível da ESG para publicar seus estudos, suas conferências, pesquisas e análises sobre nossa realidade. Além do notável serviço que prestaria ao país, teria um resultado financeiro realmente compensador.

Fora a Escola Superior de Guerra, só mesmo o CEBRAP — que se credencia a cada dia —, o DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Econômicos, Sociais e Estatísticos), e alguns poucos Departamentos em esparsas universidades. É uma lástima que isto aconteça em um país que ambiciona legitimamente se converter em potência mundial. A timidez em agre-

gar pessoal e recursos para essa tarefa precisa ser superada. Investir bem não significa tão somente vislumbrar perspectivas de imediatos lucros em atividade produtiva.

Entre dezenas de trabalhos examinados pela ESG e publicados pelo seu Departamento de Estudo, no final do ano passado, figura um trabalho sobre "As Megalópolis". Partindo da Grande São Paulo, centro econômico mais rico da sociedade brasileira, quer sob o aspecto de sua pujança industrial e comercial, quer em relação aos elevados níveis de sua renda per capita, e ainda de outros indicadores sempre superiores aos do resto do país, chega o autor à conclusão de que o crescimento econômico apontado "pode não significar melhoria das condições de vida de vastas parcelas da população. Ao contrário, um crescimento econômico acelerado pode levar à deterioração das condições urbanas de existência".

Tal fenômeno que o conferencista identifica em São Paulo não é mais grave do que em outras áreas do território brasileiro. Se na Grande São Paulo "o intenso crescimento econômico ocorreu simultaneamente com a deterioração da qualidade de vida de parcela significativa de seus habitantes, na medida em que pioraram, entre outros fatores, as condições de saúde, nutrição, transporte, habitação, saneamento básico e deteriorou, também, para muitos, o poder aquisitivo real", seria importante um confronto com o quadro da Grande Recife ou da Grande Salvador.

Essa situação se agrava diante da atração de contingentes populacionais pelos centros urbanos, fator que é apontado naquele estudo examinado "como fruto, em grande parte, da secular estagnação da maior parte do mundo rural brasileiro, cujo arcaísmo das relações de trabalho, acrescido à rigidez da estrutura da propriedade, tenda a expulsar imensas massas populacionais que afluem às cidades em busca de melhores condições de trabalho e de vida". Por outro lado, assinala o conferencista, "o processo explosivo desordenado do cres-

cimento metropolitano não permitiu ao Poder Público contar com instrumentos legais para dar um mínimo de ordenação ao uso do solo".

A expansão da cidade se faz não somente de maneira caótica, mas também de forma predatória e especulativa. A frase "é o preço do progresso", indica apenas a indiferença do setor público de programar um desenvolvimento harmônico e integrado da vida metropolitana.

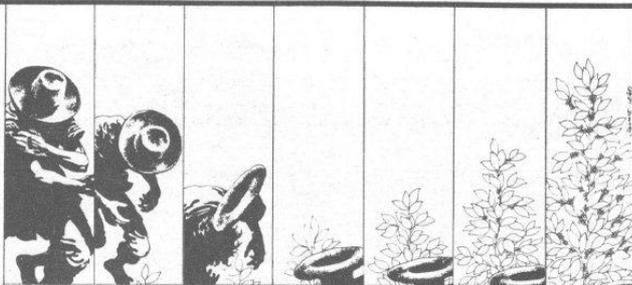
"A metrópole paulistana, talvez, seja o exemplo de 'profitópolis': a cidade cuja finalidade é o lucro". Todo processo de urbanização é voltado para a realização do lucro individual e não para a melhoria das necessidades coletivas. Assim, um novo loteamento que se abria, "nunca era feito em continuidade imediata ao anterior, já provido de serviços públicos. Ao contrário, entre o novo loteamento e o último já equipado, deixava-se uma área de terra vazia, sem lotear. Completado o novo loteamento, a linha de ônibus passava pela área não loteada, trazendo-lhe imediata valorização. O mesmo ocorria com os demais serviços públicos". Assim a beneficência pública, sem qualquer esforço do proprietário, serve para engordar alguns abastados aventureiros da especulação imobiliária e que se transformam em verdadeiros herdeiros do Estado. "Isso ocorre na maioria dos 37 municípios da Grande São Paulo", acrescenta o conferencista.

Análise como essa deveria gerar um debate mais abrangente e capaz de trazer subsídios à reformulação de conceitos que, pela dinâmica do processo, poderão merecer reexame.

Final, o intenso crescimento econômico apresentado no governo do presidente Médici, expresso no aumento do Produto Nacional Bruto, e que chegou a um ritmo de incremento de cerca de 10% ao ano, não deveria ocasionar tais distorções. O autor do trabalho examinado pela ESG termina sugerindo que "se deve repensar o destino social desse desenvolvimento, pois parece claro que grupos sociais significativos estão pagando um enorme preço sem dele se beneficiarem".

# CENA BRASILEIRA

A cada semana você toma contato com um aspecto diferente da vida do povo brasileiro, através da nossa seção de *Cena e Gente Brasileira*. Como vive a grande massa de trabalhadores do país, do campo e da cidade, que normalmente não é personagem das notícias de jornais? Quais são suas festas, crenças e esperanças? O retrato de um Brasil pouco conhecido. Abaixo, trechos de algumas cenas já publicadas:



## Luta pela terra, Conceição do Araguaia, Pará

Entre os rios Araguaia e Xingu, no Sudoeste do Pará, estende-se uma região fértil, coberta de matas e até há poucos anos absolutamente desabitada. Grandes levas de trabalhadores rurais, vindos principalmente de Goiás, Minas Gerais, e Maranhão, começaram a chegar aos municípios de Conceição e Marabá e a partir dali a promover uma ocupação desordenada das terras devolutas do Estado. Como nada havia de ilegal na ocupação das terras — a colonização foi mesmo incentivada pelo governo do Pará, visando povoar e desenvolver a região — e principalmente pelos excelentes resultados obtidos pelos primeiros agricultores, graças a fertilidade do solo, outras famílias vieram à procura de uma vida melhor, atraídas pelas notícias mirabolantes que corriam as estradas.

E com o desenvolvimento chegou

outra espécie de colonizador: grandes empresas ou particulares, com recursos para planejar a ocupação de extensas áreas, num processo inverso ao dos posseiros: solicitavam antes o título de determinado lote, apresentando apenas um projeto de colonização.

Para provar que não havia posseiro na área, passaram a utilizar a mais eficaz das armas a força. E durante quase dois anos a violência, a arbitrariedade e muitas vezes os assassinatos passaram a fazer parte do dia a dia da floresta.

— “Pegaram o velho, a mulher e dois netinhos deles que estavam lá, puseram numa camioneta e largaram eles na beira da cidade. E tacaram fogo nas roças, na choca, mataram os porcos. E prometiram morte se eles olhassem pra trás”. (Murilo Carvalho, Movimento nº 6)

## Mariazinha Tiro-a-Esmo

Mariazinha Tiro-a-Esmo, uma olheira da indústria de pedintes, esmoleiros e vendedores da arraia miúda, parece ter dezenove anos. Tem 14 e pouquinho, só. O rosto, quando ela se abandona de suas trampolinagens na faina malandra, é suave. Mas é agressivo, burlão, quase sempre. Os cabelos andam na moda, escorridos, longos, matizados de sol e sem tintura. Os cílios enormes, sem postícos. Alguns dentes podres, é o ponto fraco; vive chupando bala de hortelã para esconder o mau hálito.

Se Mariazinha Tiro-a-Esmo perceber que está causando pena, baixa os olhos. Mas tem um repente, Repele, incisiva. Encara:

— Que que é, ô bicho? Ainda não viu gente assim, não, é?

Aos nove anos fez o primeiro crime: meteu giletes no escorregador de uns meninos que a surravam. Aos onze teve uma alegria: conheceu uma dona da vida que a ensinou a fumar, a usar garfo, susten: “eu nunca havia usado um, mas até que ficou bonitinho”.

Quando a polícia aperta o cerco sobre as pivetes, por causa de assalto, furto ou outras estripulias e aprontações, Mariazinha Tiro-a-Esmo envia nas fugas para a Rocinha, Catacumba, Macedo Sobrinho, Morro do Catumbi, Morro de São Carlos, Santa Tereza ou alguma favela onde ainda tenha chance. Que, nas suas andanças, também arranja desafetos e, muita vez, manejou navalha contra as outras. (João Antônio, Movimento nº 26)



## A comida

“É uma experiência muito válida, que deu certo”, afirma Julimar Mata Machado, orgulhosa do projeto, do qual é a gerente. “De fato, a frequência ao curso pré-escolar, nessas 31 escolas, atingiu a um índice excepcional depois que começou o programa de nutrição: 95%”.

Em diversas regiões do país, para cada dez crianças matriculadas em escolas primárias, duas vão à escola em absoluto jejum, três tomam café simples, quatro tomam café com pão e manteiga e apenas uma toma café com leite e pão com manteiga. Um inquérito mostrou que, nas escolas do subúrbio de Engenho de Dentro, no Estado do Rio, apenas 4,3% dos alunos tomavam leite mais de uma vez ao dia, 1,9% tomavam somente 130 gramas uma vez ao dia e 76,7% nunca tomavam leite. Segundo o atual superintendente do CNAE, coronel Perilo Fleury, dos 21 milhões de crianças matriculadas nas escolas brasileiras, 40% sofrem de carência alimentar, mas, por falta de recursos, a campanha alimentar atende apenas a 50% dos alunos do primeiro grau. (Teodoro Braga, Movimento nº 13)



## A Prefeitura

Ariston Cardoso, eleito pela Arena-2 de Ilhéus, Bahia, é advogado bem sucedido e fazendeiro de cacau, além de ter sido diretor de um banco comercial durante quase 12 anos. É proprietário do mais importante jornal da cidade, além de manter um programa diário no Rádio Cultura de Ilhéus, onde responde aos ouvintes e fala de sua administração.

“Eu devo dizer que o programa no rádio foi feito por insinuação de dona Cristina, que é uma norte-americana”. (...) “Agora, no programa, não se fala em nada a não ser no progresso de Ilhéus. É uma programa de otimismo. O programa feito assim, tanto que se alguém fizer uma crítica azeda eu não respondo (...)”. “Os rádios e jornais do interior não vivem sem a ajuda da Prefeitura: são sempre indigentes; por isso eu sempre incluo uma verba de 200, 300 mil cruzeiros todos os anos para ajudar a imprensa; se não houver uma ajuda do poder público, ela não sobrevive”. (...) “O meu jornal, por exemplo, era de um amigo meu e se tornou um veículo de pessimismo. Só falava coisas ruins. Então, nós compramos o jornal e eu passou a ser um veículo de otimismo”. (Murilo Carvalho, Movimento nº 39)

## Os Santos



As opiniões do povo de Tacaimbé e Salgado, no Nordeste, sobre os santos e instituições do Cristianismo:

“O motivo mais grave que levou Jesus a ser morto foi político, por que o governo soube que ele estava pregando, descobrindo os erros de todos eles, as injustiças que faziam aos pobres. O governo viu que muitos acompanhavam a Jesus. Aí viu que era preciso acabar com ele para se ver livre do perigo. Certamente, houve também motivo religioso, por que ele começou a fazer milagres. Então, todo mundo ficou admirado que negócio é esse? Esse homem aí fazendo milagres, isso não tá certo”.

“Eu não sei história de nenhum santo. Só de Santo Antônio é que sei um pedaço: o pai de Santo Antônio levava ele para a roça, e ele não queria trabalhar. Pelejava com ele, mas não tinha jeito. Até que um dia o pai se zangou e mandou levar ele para o outro lado do mar, para uma ilha, para lá ele trabalhar. Não deixou embarcação nenhuma para ele voltar. Aí Antônio estendeu a batina por cima d'água e veio bater na casa do pai. E o pai disse: ‘É, Antônio, com você não há quem possa’”. (Ivan Mauricio, Movimento nº 11)

## Os mineiros

“Durante o serviço a vista não pára de arder por causa da poeira e do calor. A gente fica ensopado de suor, chega a ter tonturas de vez em quando, mas não pode parar porque o feitor fica de olho o tempo todo. Eu mesmo, no início aqui, sambei três vezes. Na primeira, já tinha enchido 7 carrinhos (vagonetes) sem parar para comer. A gente sente uma agonia, falta de ar, a vista vai escurecendo e depois não vê mais nada. Quando acordava está no hospital, com soro ligado e tudo. No dia seguinte, já volta para trabalhar.”

Acho que é tristeza de pensar que cada dia que passa dentro da Morro Velho tá diminuindo os dias de vida da gente”. (Fernando Miranda, Movimento nº 24)

## Na fábrica

Dorinha, operária da RCA Victor em Belo Horizonte, poucos dias antes de morrer atropelada, escreveu um depoimento sobre seu trabalho na fábrica: “Desde que entrei só faço um tipo de operação numa mesma peça, o alinhamento. É o seguinte: sentada junto a uma mesa recebo as bandejas contendo as peças; retiro-as, coloco no dispositivo, faço cinco soldas, volto no microscópio, alinho e vou colocando em outra bandeja, à direita. Na minha função a produção é de duzentas peças por hora, quer dizer, quase duas mil diárias. Cada peça que laço custa no mercado Cr\$ 30,00 e ganho 17,70 por dia. Há meninas que comparam a fábrica com hospício, outras com prisão. Não existe uma janela, a gente fica isolada. Essas condições trazem sérias consequências: a mais deprimente é o desequilíbrio mental. Sempre tem pessoas afastadas por esse motivo. Só a esperança de uma total mudança dá forças pra gente continuar”. (Movimento nº 17)

## A Congada

“Meu nome mesmo é Joaquim Ricardo da Silva, mas sempre me chamam de Rei Congo Ricardo Santana, por causa do meu pai e do meu avô que eram Santana de sobrenome: eu sou o Rei do meu povo preto”.

O barulho é de ensurdecer. Os sinos da Igreja de São Benedito repicam sem parar. O povo canta, dança, toca, grita. O Rei Congo, seus guardas e os capitães estão esperando junto à cova onde o mastro será fincado. Mas o mastro e bandeira vêm vindo devagar, trazidos pelas milhares de mãos dos congadeiros. (Murilo Carvalho, Movimento nº 10)



## Subúrbio

A depredação começou metodicamente. Os passageiros desceram do trem, armaram-se de paus e pedras, e começaram a quebrá-lo.

A ordem das estações de trens suburbanos na Baixada, em direção à Central, é esta: Nova Iguaçu, Juscelino, Mesquita, Edson Passos, Nilópolis e Olinda. A depredação começou na última delas, e retrocedeu até Nilópolis, mas não chegou a Edson Passos: os usuários dos trens sabem que lá, bem em frente ao quartel, está a II Companhia de Polícia Militar, famosa por sua atuação em toda a Baixada. (Aguinaldo Silva, Movimento nº 1)

# DEBATES

Com apenas um ano de existência pela sua independência, honra. Nesse período, despertou polêmica sobre problemas importantes e divulgou informações que se seguem, trechos de alguns debates

## A estatização

Os empresários brasileiros têm uma fórmula pragmática e proveitosa de enxergar a "estatização": quando se trata de cobrir "espaços vazios", investir em setores de baixa rentabilidade, financiar o setor privado etc., a presença do Estado não é estatização; mas quando se trata da apropriação de lucros, aí a coisa toda muda: começa a campanha antiestatização. ("A campanha contra a estatização: O Estado como monopólio dos riscos e os empresários como monopólio dos lucros?" por Maria Moraes, em Movimento nº 41)

## Cinema



A alusão ao proibido sexual já não tem nenhum efeito realmente liberador na pornochanchada, já que ele se dá num quadro de valores que alimenta as restrições. A pornochanchada faz parte dos mecanismos intrínsecos sociais de repressão sexual... raro a relação sexual é uma relação entre pessoas, é sempre uma performance. E não se trata de aprofundar uma relação sexual, mas ao contrário, de multiplicá-la com parceiros sucessivos. ("Ela, a pornochanchada, dá o que eles gostam?", por Jean Claude Bernardet, em Movimento nº 29)

E a chanchada é só no cinema? Nunca vi falarem na chanchada da arquitetura, da política, da economia, dos pronunciamentos oficiais, da devastação florestal, da festa dos grã-finos. Essa chanchada ninguém vê. A chanchada cinematográfica virou bode expiatório para as pessoas integradas no sistema. Se acabar a pornochanchada, o Brasil vai ficar mais digno, mais independente? (Depoimento de Pedro Rovai, diretor de "A Viúva Virgem", "Ainda agarro essa vizinha" a Jean-Claude Bernardet, em Movimento nº 29)

## Dívida externa

Hoje, mais que nunca, pode-se aplicar a frase do ministro Delfim Netto: "Da mesma forma que, nos anos 60, o herói nacional foi aquele que substituiu as importações, na década de 70, o herói nacional é aquele que for capaz de exportar... Ou exportamos ou vamos parar de crescer". Não se deve, no entanto, esquecer que esse "novo herói nacional" recebeu nesses últimos anos todo tipo de incentivos para exportar suas mercadorias, calculando-se que os subsídios concedidos pelo governo permitam que um produto brasileiro seja vendido no Exterior em média pela metade do preço do mercado interno, sem que o exportador reduza sua margem de lucro. ("US\$ 21.500.000.000,00 — A mudança qualitativa na dívida externa brasileira", por Marcos Gomes, em Movimento nº 9)



Paulo Pontes

Fernando Peixoto

Chico Buarque

## Teatro e cultura popular

**Paulo Pontes** — Um teatro começa a ser popular primeiro se a sua temática está próxima do povo e da sua visão de mundo. O segundo componente de um teatro popular está, digamos, na sua forma: na sua narrativa, na sua construção de personagens, no modo de se ordenar o espetáculo. Terceiro elemento: o teatro popular teria, claro, que se destinar ao povo. Na atual etapa do teatro brasileiro tem sido muito difícil fazer as três coisas. Já houve uma fase em que se conseguia a primeira e a segunda; havia atores, diretores e dramaturgos que faziam um espetáculo popular aproveitando formas da cultura popular. Mas poucas experiências eficientes se fizeram no sentido de buscar uma platéia popular.

**Fernando Peixoto** — Voltando agora para a peça:

uma forma popular se realiza dentro de *Gôta d'água*? Quer dizer, como é que se vão buscar deuses antigos, uma peça antiga, e se transformam esses elementos numa peça que se proponha (nem que seja parcialmente) popular, hoje? **Chico Buarque** — Não foi muito difícil transpor, por exemplo, aquela sensação de fatalidade que acompanha o nosso dia-a-dia, com seus deuses e demônios, loterias, treze pontos, esperanças. E tragédia é coisa evidente em todos os jornais, na primeira página. Hoje mesmo deu no jornal: "Mulher envenenou os cinco filhos". Era louca. Tragédia é isso aí. ("Subúrbio e poesia" — Debate com Fernando Peixoto, Chico Buarque e Paulo Pontes sobre cultura popular e a peça "Gôta d'água". Em Movimento nº 31)

## Teoria econômica



Em uma de suas frequentes aparições na televisão chilena, o senhor Milton Friedman, papa da chamada escola norte-americana de Chicago, começou dizendo que há pelo menos dois modos de se cortar o rabo de um cahorro — "a um perro se le puede cortar la cola de dos modos, de un solo golpe o cortando-se-la trozo por trozo". "La inflación asimismo se la puede eliminar de dos modos..."

É necessário que o Tribunal Russel se reative e estude o professor Milton Friedman, seus assessores chilenos e de outras nacionalidades. Pois o "perro" e a "cola" não são mais que o povo chileno, disfarçado na linguagem hermética dos economistas, que se colocam a serviço dos piores intentos... Que contribuição (à Economia) fez o sr. Milton Friedman e seus sequazes? Quem poderia responder é o economista Michel Chossudovsky, professor da Universidade Católica do Peru e de Otawa, Canadá, e ex-funcionário da junta chilena: "A política de preços livres e de salários congelados do governo chileno significou uma alteração na distribuição de renda em que 5% dos mais ricos da população, que em 1967 apropriavam-se de 22,7% da renda total, passaram a apropriar 50% da renda total em 1974...". Por isso, e não para salvar a teoria econômica, é que se deve pedir um julgamento universal para a Escola de Chicago, uma condenação da opinião pública internacional para essa nova Guernica. ("Cortar o rabo dos outros é refresco"; a inflação no Chile; por Chico de Oliveira, em Movimento nº 12)

## Entrevistas:

### Um partido para os autênticos?



Odacir Klein

**Movimento** — Certos autênticos criticam os oposicionistas que sonham com um governo estadual, porque esses governos são, primeiro, hipóteses não realistas a se realizarem num futuro ainda distante (1978); e, segundo, porque esses governos hipotéticos funcionam até hoje como cenouras diante da cabeça do oposicionista autêntico, visando mantê-lo bem comportado. Afinal, o deputado ou senador da oposição não foi eleito para preparar-se para ser governador, mas sim para defender o programa da oposição com coragem. A idéia de um partido socialista para os autênticos não incorre, de certa forma, no mesmo erro: acreditar que o parlamento da oposição vai poder seguir seu caminho rumo ao poder independentemente do fato de estar cercado por uma situação de fato de ausência de liberdade? Não é, digamos assim, uma "crença legalista"? (A acreditar que o parlamento, a imprensa e os partidos existem plenamente, mesmo sem liberdades democráticas?)

**Odacir Klein (MDB, RS)** — Somente julgo válida a disputa de governos estaduais se os eleitos forem democratas convictos que, mesmo dentro da excepcionalidade vigente, transformem suas posições em verdadeiras trincheiras aliadas à luta parlamentar pela volta do Estado, de Direito e pela modificação do modelo sócio-econômico concentracionista que atualmente existe no Brasil. Nunca ouvi, em nenhuma reunião, que os autênticos tenham idéia de formar um partido socialista. (Movimento nº 14)

## A questão



Depoimento do engenheiro agrônomo na CPI do Proterra, divulgado

A forma pela qual o capitão — no caso na Amazônia — não nizar as relações trabalhistas: da civilização e do progresso (Volkswagen, Bradesco, etc.) de trabalho já existentes na exemplo, essas empresas ad do "vale de barracão" no qual abastecer nos armazéns da preços arbitrários. Isso ton dependente da empresa: p não consegue nunca saldar zém...

Smith Bras, representante lho na Sudam, disse que re tência de cemitérios clandest zônia: "Fomos obrigados a l pos para possibilitar a abertu correspondentes, até para p processos de torturas pes altura do século XX". ("Re po", publicado em Movime

## Consumo



Cada garrafa pequena de 198 miligramas de ácido fo combinar com o cálcio, par de fosfato de cálcio. Ocorr mam de "descalcificação" mentados com Coca-Cola t quebram seus dentes no at negligenciou na procura de campanha da "Revolução José Roberto Orsi, encarreg agência Mauro Salles: "Nc tem canais de protesto. A g nenhuma educação social nós lhes oferecemos um protesto através do consu antiquada Coca-Cola para a jovem e nova". ("As Avent do Guaraná", por Bernardo nº 40)

cia, Movimento já conquistou um lugar na imprensa brasileira, e a visão atenta dos acontecimentos. As notícias, apresentou grandes reportagens da vida política, econômica e social brasileira e tornaram fontes de referência indispensáveis. Esses debates e levantamentos:

## o agrária

Segundo a FAO, órgão da ONU para a Agricultura, o Brasil deveria distribuir terras para 300 a 400 milhões de famílias por ano, durante 20 anos, para corrigir as deformações da estrutura agrária do país. Entretanto, desde que foi criado o Estatuto da Terra, em 1964, foram distribuídas terras para apenas uma média de 900 famílias... (Debate em Movimento nº 17)

Como a burocracia penetra no campo e se faz de modo a modernizar, levando os bons frutos ao povo. As grandes empresas não utilizam-se das relações de trabalho na região. É comum, por exemplo, lotarem o sistema rural e o peão é obrigado a se apresentar, sujeitando-se aos caprichos do trabalhador sempre por mais que ele trabalhe. A dívida com o arma-

## umo



A Coca-Cola contém 148 átomos de rádio. Esse ácido vai ser expulso sob a forma de urina e o que os biólogos chamam de organismo. Ratos alimentados com ossos quebradiços e com de roer... Já a Pepsi não tem um sabor local para sua região — como explica o relatório da conta da Pepsi na região — a juventude não quer a geração atual não recebeu o benefício político, de modo que o mecanismo de protesto, o qual o adolescente muda da Coca-Cola para a Pepsi, com uma imagem de Kucinski, em Movimento

**MOVIMENTO**  
**HISTÓRIA DO BRASIL**  
 ENTRE A CIÊNCIA E O SAMBA DO CRIOLHO DOIDO

Depoimentos dos historiadores:  
 FERNANDO NOVAIS,  
 ANTONIO DE BARROS CASTRO,  
 MARIA SYLVIA DE C. FRANCO,  
 CARLOS NELSON COUTINHO, HÉLIO SILVA,  
 JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, CAIO PRADO JR.,  
 EDGAR CARONE, CHICO DE OLIVEIRA

**MOVIMENTO**  
**PAULO BROSSARD: UM LIBERAL PELOS DIREITOS HUMANOS**

**MOVIMENTO**  
**ALENCAR FURTADO**



## Salários

Quais foram as consequências da ação continuada desses mecanismos sobre os salários dos trabalhadores? Segundo um trabalho do DIEESE, 24 categorias de trabalhadores sofreram uma queda de poder aquisitivo superior a 30%. Ou seja, em 1974 seus salários valiam pouco mais que 2/3 do que valiam em 1964. Em algumas categorias, a perda do poder aquisitivo em dez anos de arrocho salarial chegou a ser 44%. Das 81 categorias estudadas, a que perdeu menos, perdeu 15% em termos de salário real, nos últimos nove anos. ("Salários e os resultados da política salarial", por Paulo Cezar, em Movimento nº 8)

## História

A História, como é ensinada nos cursos secundários, e mesmo em certa medida nos cursos superiores, é uma farsa. Ela tem tanto a ver com a História autêntica como uma lista telefônica com um romance. É uma empedrada exposição de datas, nomes, títulos, listas, dados despidos permanentemente de qualquer idéia, compreensão ou sentido. Nesses relatos, a História aparece como fruto do acaso, ou da vontade caprichosa de alguém, e não como resultado de leis universais que podem ser cientificamente comprovadas. ("História do Brasil: Entre a ciência e o samba do crioulo doido", em Movimento nº 26; edição especial sobre História, com depoimentos de Edgar Carone, Hélio Silva, José Honório Rodrigues, Maria Sylvia Franco, Carlos Nelson Coutinho, Chico de Oliveira, Caio Prado Junior, Antônio de Barros Castro, Fernando Novais.

Já foi dito, nesta Casa, que ao Governo não cabe a responsabilidade por fatos ocorridos nos "porões da Administração". Fica-se sabendo, desde logo, que esta Administração tem porões. Mas, cuidem-se os administradores, para que o mau cheiro dos porões não chegue até os salões da Administração. E, se os ocupantes dos salões não se responsabilizarem pelo que ocorre nos porões, a Nação tem o direito de perguntar, sr. Presidente. Quem responde por eles? ("Um liberal pelos Direitos Humanos", discurso do senador Paulo Brossard, publicado em Movimento nº 16)

## Multinacionais

As dez maiores empresas estrangeiras, em toda a sua existência no Brasil, investiram 98,8 milhões de dólares, mas em apenas 10 anos remeteram para o exterior 774,5 milhões de dólares... A Rhodia, que investiu no Brasil 14,3 milhões de dólares em toda sua existência, somente nos últimos dez anos já remeteu para o exterior 108,7 milhões de dólares. A Esso, que só investiu no Brasil, em toda sua vida, 1,8 milhão de dólares — veja bem, 1,8 milhão de dólares — remeteu 44,5 milhões de dólares apenas nos últimos dez anos. A Souza Cruz, investiu em toda sua vida no Brasil 2,5 milhões de dólares, e levou, apenas nos últimos dez anos, 81,3 milhões de dólares... O endividamento externo brasileiro é mais debitado à conta das multinacionais que a qualquer outro setor. Citamos o caso da General Motors que, com um capital investido de 35 milhões de dólares, deve ao exterior 200 milhões de dólares, ou seja ela sozinha é responsável por quase 1% da dívida externa brasileira. (Entrevista com o deputado Alencar Furtado, presidente da "CPI das Multinacionais", publicada em Movimento nº 20)

## Direitos civis

A mentalidade que rege o novo código civil é a mesma mentalidade patriarcal que se recusa a ver na mulher a companheira do homem em pé de igualdade, dos direitos e deveres da responsabilidade social. A conclusão lógica que se chega ao ler a parte referente à família, no projeto do novo código civil, é a de que, se todas as mulheres se informassem de sua condição legal ao contrair o matrimônio, prefeririam outras formas mais livres de associação com o sexo oposto. É apenas na situação conjugal que a mulher perde, num passe de mágica, sua humana capacidade de julgamento e decisão. ("Contra o conservadorismo do Código Civil", por Branca Moreira Alves, em Movimento nº 14)

## Democracia e autoritarismo

Corretamente, Fernando Henrique Cardoso insiste que a discussão sobre a caracterização da forma que o Estado assume neste ou naquele país não guarda interesse puramente acadêmico e teórico, acrescentando que isso "é decisivo para analisar quais as formas eficazes de oposição". (...) Ao designar as características do autoritarismo e ao proclamar a existência de um partido de massas como fundamental ao fascismo, Cardoso se aproxima de alguns autores, como Poutanzas, mas se distancia de outros respeitáveis teóricos que deixaram pistas essenciais para o estudo científico da natureza desses regimes, como Georges Dimitrov. (...) (Dimitrov) indicou que o fascismo é o poder do capital financeiro que, para se estabelecer, utiliza-se abertamente do terrorismo face aos trabalhadores, as camadas

mais consequentes do campesinato, à pequena-burguesia e aos intelectuais. Isso porque o fascismo é a única forma do capital financeiro jogar as consequências da crise nos ombros dos trabalhadores e obter formas de exploração do trabalho inviáveis num quadro de democracia burguesa normal. (...) Mantendo e reforçando as relações de dependência com o capital financeiro internacional, esses regimes não podem, portanto, levantar a bandeira do nacionalismo — tentam sempre, mas ela se esvaia num período curto, tendo em vista a própria necessidade de o regime proclamar as excelências do capital externo (...). A bem dizer, a sociedade civil proclamada por Cardoso é uma sociedade urbana formada por assalariados, onde parece não haver lugar para os trabalhadores do campo. (...) Um interessante levantamento feito a partir de notícias divulgadas pelo jornal O Estado de São Paulo, mostra que no período de 1971 a 1974 ocorreram no país cerca de 197 conflitos de terras, sendo que 30 foram con-

siderados "graves", totalizando 63 mortos e 19 feridos. A intensificação desses conflitos e seu agravamento nos últimos anos por si só deveriam servir de alerta àqueles, que, ao tratar da realidade brasileira, simplesmente abstraem a existência da questão agrária e da questão camponesa. ("O Autoritarismo Dependente", por Marcos Gomes, em Movimento nº 6)

O fascismo ocorreu como uma resposta das classes dominantes e, entre elas, do setor industrial financeiro, frente a uma situação de crise econômica mundial e de presença ativa tanto da social democracia como dos partidos comunistas. (...) A menos que se dissolva a especificidade da relação política do fascismo (isto é, o significado concreto da luta de classes e a análise da correlação de forças entre as classes) e se caia no raciocínio economicista que levaria a pensar que a expansão do poder do capital financeiro, em si mesma, é igual ao fascismo. Mas, neste caso, fascistas seriam a

Suíça, a Inglaterra de antes da guerra e os Estados Unidos, que foram as potências onde o capital financeiro mais se desenvolveu, e não a Alemanha ou a Itália. (...) Quer isto dizer que inexiste um componente fascista no bloco do poder? Não. Escrevi repetidas vezes que existem tendências abertamente fascistas nos regimes autoritários e que, mudada a correlação de forças e a conjuntura econômica, pode ocorrer a fascistização dos regimes autoritários. (...) O "sério erro de concepção teórica" a que se refere Marcos Gomes, não há de ser, portanto, o de eu não "ver" o problema do campo. Mas será o de equacioná-lo subordinando-o à dinâmica do capitalismo. Creio pouco nas análises estilo "pré-capitalismo", latifúndio, etc. para explicar o atual bloco de poder. Para mim, a força motora decisiva no campo brasileiro é, ao contrário, o desenvolvimento do capitalismo tanto através do Estado, com seus incentivos fiscais nas áreas mais atrasadas, como através da capitalização das áreas exportadoras e das áreas de

produção para o consumo urbano das massas. Olhando os dados e vendo as análises sobre o processo de informação do capitalismo agrário, percebe-se que os 7 milhões de trabalhadores "produtores" constituem sócio-economicamente força declinante em comparação com a formação dos boias-frias, dos trabalhadores rurais, dos ex-habitantes das fazendas que hoje vivem nas pequenas cidades, com o fluxo de migrantes que por causa das modernas "enclosures" patrocinadas pela Sudam e pela Sudepe vão para as cidades, etc... É esta massa de "assalariados agrícolas" a que mais conta para levar adiante o que chamo de "democratização substantiva" e é dela que deve partir o dinamismo para redefinir e dar sentido progressista aos 197 conflitos de terra entre 1971 e 1974 que, segundo Marcos, deveriam servir de alerta aos que abstraem a questão agrária e a questão camponesa. ("Voltando ao Debate", por Fernando Henrique Cardoso, em Movimento nº 9)

# PORQUE ASSINAR MOVIMENTO



Movimento não é apenas uma fonte séria e indispensável de consulta

É também o comentário dos fatos da atualidade, a informação criteriosa para que você entenda o que se passa no Brasil e no mundo

**QUANTO VALE UMA ASSINATURA DE MOVIMENTO?**

A garantia de uma imprensa independente, democrática e combativa; do noticiário desvinculado dos interesses dos grandes grupos econômicos.

Além disso,

**FAÇA AS CONTAS:** São 52 exemplares por ano, a preço de banca de Cr\$ 7.00.

Portanto, Cr\$364.00. Como oferta, você recebe gratuitamente 10 exemplares anteriores, à sua escolha (oferta válida apenas em território nacional). Logo, mais Cr\$70.00. Somando tudo, sua assinatura anual vale Cr\$ 434.00.

Mas até o dia 30 de maio, você pode fazer um bom negócio e ainda se manter bem informado, assinando Movimento por apenas Cr\$300.00.

**VOCÊ PAGA 43 JORNAIS E RECEBE 62!**

A oferta é tão boa que você deveria também pedir a seus amigos que assinem. Com mais assinaturas, Movimento terá mais recursos para atingir um público mais amplo e poderá informar com melhor qualidade.

Desejo receber uma assinatura de Movimento:

Nome \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_ Profissão \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Neste sentido, estou enviando o cheque de n.º \_\_\_\_\_, em nome de Edição S/A — Editora de Livros, Jornais e Revistas.

Se o pedido de assinatura for feito na Europa, o pagamento deve ser enviado para a Conta Postal CCP 2360 535 E 020 M. FORTI, Bureau 142 — Paris France.

Preço da assinatura no exterior: ANUAL US\$ 60/ SEMESTRAL US\$ 30.

**ATENÇÃO:** Ajude Movimento a se tornar mais conhecido. Envie o nome de até três amigos que enviaremos Movimento para eles gratuitamente e sem compromisso.

ANUAL  SEMESTRAL   
 Desejo receber Desejo receber  
 Cr\$ 300.00 Cr\$ 150.00  
 gratuitamente gratuitamente  
 10 exemplares 5 exemplares  
 atrasados: atrasados:

Ajude Movimento a se tornar mais conhecido e influente. Envie o nome e endereço de alguns de seus amigos que mandaremos para eles exemplares de Movimento, gratuitamente e sem compromisso.

NOME \_\_\_\_\_  
 RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 CIDADE \_\_\_\_\_  
 ESTADO \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_  
 RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 CIDADE \_\_\_\_\_  
 ESTADO \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_  
 RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_  
 CIDADE \_\_\_\_\_  
 ESTADO \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

# ESTÓRIAS

Um espaço editorial aberto aos "novos" e "inéditos": em Estórias Brasileiras Movimento procura acompanhar o crescente interesse do público leitor brasileiro pelos escritores jovens

Com a seção de Estórias Brasileiras, Movimento procurou acompanhar o crescente interesse do público leitor brasileiro pelos escritores jovens, pelas obras combativas, generosas, que procuram se ligar, de modo criativo, às condições de vida e aos esforços de nosso povo por uma vida melhor e mais justa.

Para um jornal que se propõe democrático, essa condição — uma literatura combativa — é necessária, mas não suficiente. Um dos problemas da literatura brasileira de hoje é o relativo estreitamento dos canais de comunicação para aqueles que são rotulados — às vezes pejorativamente — de "novos", "jovens", "inéditos". Nesse campo, onde é tão importante uma abertura da visão editorial, Movimento já deu uma contribuição razoável. Em 40 números, descontados os textos poéticos e de teatro, 33 escritores publicaram contos ou fragmentos de romances nas últimas páginas do jornal. Desses, apenas 3 já tinham muitos livros publicados, e eram plenamente reconhecidos como "personagens" do mundo literário (um era o uruguaio Eduardo Galeano, diretor da revista *Crisis*); 17 eram escritores "novos", com um ou poucos livros publicados, e 13 eram escritores totalmente inéditos.

Combatividade e abertura para os que estão começando — cremos serem as principais contribuições que "Estórias Brasileiras" vem tentando dar à literatura brasileira do momento, dentro dos princípios do jornal.

Ao lado reproduzimos *Boi da cara preta*, de Carlos Carvalho, publicado em primeira mão por Movimento, e hoje já reconhecido por muitos críticos especializados como um dos melhores da jovem geração de escritores brasileiros.

## Boi da cara preta

Carlos Carvalho

Certa manhã, quando a mulher foi acordá-lo para o trabalho, o Matador resmungou qualquer coisa, escondeu os pés sob as cobertas, virou para o lado e continuou a roncar. A mulher insistiu, tentou sacudir o corpanzil enrodilhado. O matador nem se mexeu.

Mais tarde, quando foi chamá-lo para o almoço, encontrou-o pensativo, sentado à beira da cama, de cuecas, camiseta e botinas amarradas até o tornozelo. A mesa anunciou que não ia mais trabalhar. Durante trinta anos labutara no matadouro, sempre considerado o melhor. Os bois maiores e mais ariscos, aqueles que pareciam prever a morte e tentavam evitá-la, aqueles eram enviados à sua porteira. Lá os esperava, a faca na mão. E quando passavam, dava-lhes um golpe certo na carótida, sem tempo de um gemido. Tantos bois matara que tinha as mãos manchadas: o sangue entranhava na pele como tatuagem, que nem água nem sabão conseguiam limpar. Agora estava cansado. Passava o cargo ao filho.

Isto posto, debruçou-se sobre o prato devorando a comida, sem dar ouvido à mulher. Ela, desesperada, chorava, implorando que voltasse ao trabalho. O filho não tinha idade, era franzino, jamais daria um bom matador. E sem o dinheiro da comissão farta que ele ganhava, senhor dos melhores animais, quem sustentaria a casa? O Matador não respondeu. Ruminava um último pedaço de carne, a boca lambuzada de molho, como uma ferida aberta sangrando. Bufando sempre, foi estirar-se na rede armada na sala.



No dia seguinte, inútil qualquer argumento, a mulher levantou cedo, levou o menino, vestiu-o com a roupa de domingo e foi levá-lo ao emprego. Da cama, o Matador não dizia nada: observava o movimento dos dois. Nem ao menos deu conselhos ao filho, como era de esperar. Limitou-se a soltar um mugido quando o menino se despediu.

A noite, acomodou-se na rede e avisou a mulher que não dormiria na cama de casal. Desde então não voltou ao quarto e, quando a mulher insistia, enfurecido ameaçava bater-lhe.

Resignada, a mulher aceitou a situação. Não mais falou no assunto. Pela manhã, acordava o filho como fizera sempre com o marido, servia-lhe o café, arrumava-lhe a merenda e ficava à porta olhando-o descer a rua, tão miúdo, mal se aguentando nas pernas como um terneirinho.

Mas, ao contrário do previsto, o menino foi crescendo, desenvolvendo à custa do tra-

balho, fazendo-se forte e ganhando prestígio no matadouro. Logo passou a desfrutar das honras que o pai abandonara. Não havia quem melhor sangrasse um boi, o pulso sempre firme, a mão segura, o alvo nunca errado. Com isso, fez jus ao aumento tão esperado. Quando foi dar a notícia ao pai, este não disse nada. Enrolado na rede, só os bicos das botinas de fora, olhou para o filho como se não entendesse. Depois, fechou os olhos e o rapaz pensou que havia adormecido.

Quem não tinha sossego era a mulher, que do marido agora via apenas o rosto, já que dormia vestido, não tirava as botinas, nem falava com ninguém. Até o banho semanal abandonou, acabando por impregnar a sala com um cheiro forte de animal suado.

Intrigada, pensava em doenças que o marido escondia. E de tanto pensar, tomou a decisão. Uma tarde, quando ele dormia, entrou furtivamente na sala e, com cautela, levantou a coberta. Desamarrando a botina, ao retirá-la, recuou assustada: uma pata pendia da rede, um casco de boi nitidamente conformado. Saiu da sala e chaveou a porta.

Muito tempo calou, nem ao filho narrou o acontecido. A noite, ouvia estranhos ruídos que vinham da sala. Sem coragem de espionar, ficava imaginando coisas, a tal ponto que chegou a pensar que enlouquecia. Até que certa madrugada acordou com um barulho de animal arrastando-se pela casa. Espiou pela porta entreaberta e constatou o esperado: um boi inenxabado, de enormes chifres, tentava acomodar-se na rede. Temerosa da ira do marido, tornou a fechar a porta e passou o resto da noite pensando no que fazer.

No dia seguinte, ainda estremunhada, foi à casa da comadre, amiga de anos, pedir conselhos. Depois de muita conversa, voltou aliviada. Na ausência do filho, entrou na sala, aproximou-se do marido que bufava num canto, acariciou-o, deu-lhe açúcar e, aos poucos, conseguiu amansá-lo. Atou-lhe uma corda no pescoço e conduziu-o carinhosamente ao matadouro, onde vendeu por um bom preço aquele boi forte, malhado, de cara preta, dono de grossa e tentadora carótida.

Matador, este, ao entrar no corredor, viu ao longe o filho que o esperava à porteira, a lâmina brilhando ao sol, as mãos tingidas pelo sangue dos seus antecessores. Equilibrando-se nas patas, sentiu no flanco a picada da vara que o instigava a seguir. Baniu a cabeça, raspou o solo com o casco e arremeteu em direção à faca, que o recebeu sem tempo de um mugido.

A mulher, sendo mulher prevenida, com o dinheiro comprou uma televisão, uma geladeira, dois sacos de açúcar e alguns metros de corda, para quando chegasse a vez do filho. (Movimento nº 4)

# O LEITOR

Uma seção feita exclusivamente pelos leitores, Cartas Abertas é uma tribuna — dentro das limitações impostas

a Movimento — onde o leitor fala diretamente a outros leitores. Como você poderia ser também redator de Movimento?

No final de outubro de 75, o *New York Times* publicou uma pequena nota sobre uma grande experiência da imprensa americana: o *Harper's Weekly*, uma antiga revista semanal de informações, que havia renascido em janeiro desse ano para se tornar uma publicação de textos exclusivamente dos leitores, passaria a ser publicada quinzenalmente; isso para poder editar melhor o incrível número de contribuições que estava recebendo. De janeiro a outubro a revista receberia 125 mil cartas de seus leitores, uma média de 12.500 por mês, mais de quatrocentas por dia. Os editores do *Harper's* alegavam que precisavam de mais tempo para decidir o que publicar, e, mais ainda, queriam passar a fazer o trabalho de seleção dos artigos também com a ajuda dos leitores.

Em Movimento temos duas seções visivelmente dedicadas a colaboradores de fora do jornal: a de Cartas Abertas e a de Estórias Brasileiras. Outras seções, contudo, podem ser enriquecidas com colaborações:

— **Notícias de Jornal, Fatos:** são declarações importantes ou acontecimentos significativos da vida do país, coletados em jornais e revistas; nossa pesquisa se resume a algumas publicações das grandes capitais e é evidente que ela se tornaria mais rica se os leitores acrescentassem resultados ocasionais ou mesmo sistemáticos de suas leituras;

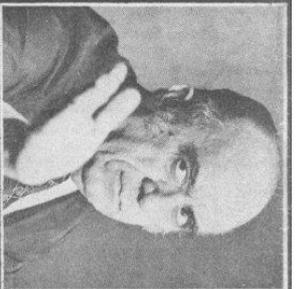
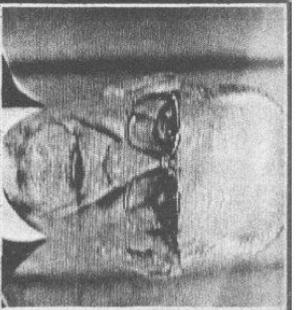
— **Cena e Gente Brasileira:** é uma seção que se preocupa em descrever as condições em que vive a massa trabalhadora do país, que normalmente não constitui notícia de jornal; a seção trata da

massa anônima, que constitui realmente o povo brasileiro, o trabalhador do campo, da cidade, a dona de casa, a doméstica, o comerciante, o pequeno proprietário, por exemplo; nossa capacidade para fazer essa seção é limitada, porque as reportagens exigem recursos, viagens, estadas, passagens e um corpo de repórteres; as colaborações dos leitores para essa seção exigem, como se vê pelas que apresentamos no jornal, mesmo as mais ruins, um certo treino e devem conter indicações que nos permitam escrever pedindo uma reelaboração da contribuição enviada.

— **A Semana:** são as sete ou oito notícias principais da semana, no Brasil e no Mundo. Se o presidente da República faz um discurso que define rumos da ação política do governo, procuramos comen-

tá-lo naquela semana. Nessa seção podemos, além de dizer, como normalmente fazemos, que o deputado Ulysses Guimarães achou isso e aquilo do discurso, podemos dizer também que o leitor fulano de tal, da cidade X, acha que o presidente quis dizer isso e aquilo outro; que tem essas e aquelas consequências.

A experiência pode ser muito rica, e há inúmeras formas de colaboração, como sugere a história do *Harper's Weekly*. O mundo hoje, embora muitas vezes dolorosamente, assiste uma intensificação da busca de caminhos democráticos de participação — dentro da família, nas organizações, nas comunidades, na condução das sociedades socialistas. A imprensa deve estar nessa frente, com a bandeira da luta pela democratização. (Movimento nº 22)



O semanário Movimento já está nas bancas há quase um ano. Nesse tempo procuramos não nos afastar dos princípios que levaram mais de três centenas de pessoas a se unirem numa Sociedade Anônima — a empresa EDIÇÃO SA — para fazer uma imprensa livre de pressões dos grupos econômicos, independente, democrática e combativa. Acreditamos ter perseguido com tenacidade o que prometamos em nosso número de lançamento:

- Apresentar, analisar e comentar os principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais da semana;
- Descrever a Cena Brasileira, as condições de vida da gente brasileira;

**Estar ao lado dos cidadãos brasileiros nas suas lutas:**

- pelas liberdades democráticas
  - pela melhoria da qualidade de vida da população
  - contra a exploração do país por interesses estrangeiros
  - pela divulgação dos reais valores artísticos e culturais do povo
  - pela defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade
- Neste folheto nós lhe apresentamos alguns aspectos do que fizemos até agora e o convidamos — e a seus amigos — para ler, assinar e divulgar Movimento.

**CONSELHO EDITORIAL**

- Hermilio Borba Filho  
Orlando Villas-Boas  
Audálio Dantas  
Chico Buarque de Holanda  
Fernando Henrique Cardoso  
Edgar da Mata-Machado  
André Forster  
Alencar Furtado

**CONSELHO DE REDAÇÃO**

- Agnaldo Silva  
Antonio Carlos Ferreira  
Bernardo Kucinski  
Elifas Andreato  
Fernando Perixoto  
Flávio Aguiar  
Flávio de Carvalho  
Chico de Oliveira  
Chico Pinto  
Jean-Claude Bernardet  
Juca Martins  
Marcos Gomes  
Maurício Azedo  
Raimundo Rodrigues Pereira  
Teodomiro Braga



edições.s.a.

